



CORPOS EM DISCURSO: HISTÓRIA DO PÊNIS E A CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES NA G MAGAZINE¹

Eixo Temático 23 - Masculinidades e feminilidades: tensionamentos e possibilidades no espaço escolar e não escolar

Autor: Abel Calisto Bendito²
Orientador: Paulo Souto Maior Júnior³

RESUMO

Entendendo a Revista G Magazine como uma das principais publicações da Imprensa LGBTQIA+ no Brasil, as edições 109 a 116 de forma a relacionar os discursos sobre o pênis dos nus masculinos aos padrões de masculinidades promovidos na revista. Seguindo o pensamento de Teresa de Lauretis, pensaremos a Imprensa LGBTQIA+ como produtora e produto do sistema sexo/gênero. Operacionalizando o conceito de masculinidades hegemônicas de Raewyn Connell, da pedagogia das sexualidades de Guacira Lopes Louro e pensando a desnaturalização dos discursos, adotamos a abordagem teórico-metodológica da História Cultural de forma a estranhar representações e práticas discursivas do pênis, com ênfase na construção de masculinidades hegemônicas e subalternas como as presentes na identidade gay brasileira.

Palavras-chave: Relações de gênero, Masculinidades, Pênis, G Magazine, Imprensa LGBTQIA+.

INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa o pênis como signo cultural central na produção de masculinidades hegemônicas e subalternas, a partir de discursos veiculados na imprensa LGBTQIA+ brasileira, especificamente, no periódico gay *G Magazine*. Embasando-se

¹ Trabalho resultante do Projeto de Iniciação Científica “Tamanhos, cores, formatos: uma história do pênis como pedagogia das masculinidades (1979-2012)”, coordenado pelo Prof. Dr. Paulo Souto Maior e fomentado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) (2024-2025 PIBIC-CNPQ-UFPB).

² Graduando em História (Licenciatura) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).
E-mail: abelcalistos@gmail.com.

³ Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor adjunto no Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).
E-mail: paulosoutom@gmail.com.



na linha de estudos sobre gênero, sexualidade e cultura, a pesquisa parte da hipótese de que o pênis atua como signo cultural e dispositivo discursivo cuja representação (nos mais diversos suportes e linguagens) participa ativamente da pedagogia das masculinidades, ocupa lugar central na produção de masculinidades hegemônicas e subalternas no Brasil contemporâneo.

Nesse sentido, o papel da imprensa ocidental na organização do sistema sexo-gênero não pode passar despercebido em um estudo sobre a história do pênis e da pedagogia das masculinidades. Segundo Guacira Lopes Louro, as práticas pedagógicas de generificação não se restringem ao ambiente escolar, se estendendo a diversos espaços sociais que atuam na formação de sujeitos e na normatização de comportamentos sexuais: cinema, televisão, revistas e publicidade operam como um guia para os sujeitos, um dispositivo pedagógico informal, oferecendo modelos de identificação, normas de conduta e de aparência (Louro, 1999).

A imprensa LGBTQIA+ no Brasil, longe de ser um campo homogêneo, constitui um território tensionado por disputas entre militância política, erotização de corpos e dinâmicas de mercado. Iniciativas como o jornal *Lampião da Esquina*, bem como periódicos eróticos com circulação restrita nas décadas de 1980 e 1990, criaram um espaço de visibilidade e debate sobre corpos dissidentes, mas também operaram como instrumentos de construção de padrões de subjetivação. É nesse contexto que a *G Magazine*, lançada em 1997, deve ser compreendida: como herdeira e reconfiguração dessa tradição editorial, agora inserida em um circuito comercial mais amplo e alinhada às transformações neoliberais do consumo e da sexualidade (Schmidt, Bastos e Medeiros, 2021).

Utilizada como fonte principal deste trabalho, a *G Magazine* não apenas reproduz modelos estéticos e narrativos sobre o corpo masculino, mas participa da própria constituição histórica desses modelos. O pênis, nesse universo, torna-se um signo privilegiado da masculinidade desejável, reiterado em sua forma, tamanho e função em ensaios fotográficos, artigos, propagandas e cartas de leitores. Portanto, ao situar a *G Magazine* na genealogia da imprensa homoerótica brasileira e no interior das lógicas contemporâneas de visibilidade LGBTQIA+, este trabalho busca compreender



de que modo essa publicação construiu e ensinou sentidos para o pênis, transformando-se em uma fonte privilegiada para a análise histórica das práticas discursivas e imagéticas que regulam o desejo, a corporeidade e o gênero no Brasil recente.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Entendendo a Revista *G Magazine* (1997-2012) como uma das mais consumidas formas de Imprensa LGBTQIA+ no Brasil, a utilizamos como recorte temático e analisaremos as edições 109 a 116, disponíveis no acervo físico pessoal do professor-orientador. Metodologicamente, a pesquisa adota a abordagem da História Cultural, especialmente em sua vertente pós-estruturalista, assumindo os pressupostos de que os discursos não apenas representam a realidade, mas a constituem, e que os sentidos generificados atribuídos aos corpos são historicamente situados, impostos, instáveis, recriados e disputados. Através da análise das práticas discursivas e imagéticas presentes na revista, procuramos “estranhar” a naturalização do pênis, desde sua associação à masculinidade viril enquanto símbolo desta até os padrões de pênis desejáveis veiculados por ela.

REFERENCIAL TEÓRICO

A noção de masculinidade hegemônica, desenvolvida por Raewyn Connell (1995), é central para a problematização das imagens e discursos que atravessam os ensaios e as seções editoriais da revista. Para a pesquisadora, a masculinidade não é uma essência fixa ou uma identidade natural, mas uma posição relacional construída social e historicamente, que organiza hierarquias dentro do próprio campo masculino: a manutenção das masculinidades hegemônicas depende da subordinação de outras masculinidades, como as chamadas masculinidades subalternas, e da exclusão ou feminilização de determinados corpos. Com isso, a análise parte da proposta de Connell para investigar como o pênis é mobilizado como um dos signos centrais dessa masculinidade hegemônica, e como sua visibilidade é atravessada por relações de poder.



A partir do estudo de Valeska Zanello (2018), compreendemos que a dominação das masculinidades hegemônicas se dá principalmente em quatro eixos: no mundo social; do homem contra si mesmo, prevalecendo uma noção de “civildade” sobre “selvageria”; contra a feminilidade de mulheres e outras sujeitas; e ainda contra outros homens; nesse último caso, a dominação sobre outros homens é pautada tanto na competição com seus iguais quanto na subjugação de homens considerados “inferiores”.

Complementarmente, a pesquisa mobiliza a noção de pedagogia das sexualidades, formulada por Guacira Lopes Louro (1999), para compreender os mecanismos de produção e circulação de saberes sobre o corpo e a masculinidade na mídia. A autora argumenta que os discursos da pedagogia das sexualidades ensinam o que é considerado aceitável em termos de comportamentos, corpos e identidades, disciplinando sujeitos e produzindo formas de subjetividade. Nesse contexto, as páginas da *G Magazine* operam como dispositivos pedagógicos que ensinam o olhar, orientam o desejo e oferecem modelos normativos de gênero para o público-alvo: homens gays. Com Louro, é possível perceber como essas práticas constituem uma pedagogia não formal que atua na construção de masculinidades hegemônicas e subalternas, como as masculinidades presentes na identidade gay brasileira.

A pesquisa ainda se apoia na crítica de Teresa de Lauretis ao sistema sexo/gênero, compreendendo o gênero como efeito discursivo e performativo, construído por meio de tecnologias culturais que regulam e produzem identidades. Nesse caso, a *G Magazine*, enquanto exemplo da Imprensa LGBTQIA+, é compreendida enquanto um dispositivo da tecnologia de gênero, atuando enquanto produtora e produto no sistema sexo/gênero: a revista não é só produto da masculinidade pois se configura também como produtora de discursos; por exemplo, reproduzindo a ideia do pênis (dentro dos padrões veiculados pela revista) enquanto determinante na masculinidade viril e simultaneamente produzindo novas imagens acerca desse discurso no imaginário social do público leitor.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



A análise das edições 109 a 116 da *G Magazine* revela a centralidade do pênis como signo visual, discursivo e simbólico na constituição das masculinidades desejáveis no campo da cultura gay brasileira. Os ensaios fotográficos e textos que compõem as seções principais da revista — sobretudo os ensaios de capa, as seções “Desejo” e “Galeria”, além das cartas de leitores — reiteram uma pedagogia visual que associa o pênis não apenas ao prazer e à erotização, mas também à virilidade, ao valor simbólico do corpo masculino e ao ideal de uma masculinidade hegemônica. No verbete *Homosexuality (Male)* da *Cultural Encyclopedia of the Penis*, podemos entender um pouco sobre o papel central e ativo que o pênis possui nas representações eróticas e pornográficas cujo público-alvo são os homens gays:

Na pornografia homossexual masculina, o pênis é exibido em uma variedade de práticas, incluindo sexo oral, sexo anal e masturbação; o pênis apresentado por esse tipo de pornografia é frequentemente de tamanho atipicamente grande, o que sugere uma importância central no prazer homossexual masculino. Atores pornográficos que alcançam maior notoriedade na indústria costumam ser excepcionalmente bem-dotados. Isso indica que a homossexualidade masculina na modernidade ocidental mantém uma relação determinada com o pênis, valorizando-o por seu tamanho e, consequentemente, por seu poder de penetração (KIMMEL, MILORD, KENNEDY, 2014, p. 143).⁴

De forma recorrente, os ensaios trazem pênis maiores que a média, geralmente sem curvaturas e apresentados em estado ereto, o que aponta para um ideal de potência e controle que se distancia de qualquer sinal de vulnerabilidade ou passividade. A rigidez do pênis funciona, nesses contextos, como índice de masculinidade consolidada, cuja presença visual é exaltada como um troféu de virilidade. Além disso, há uma

⁴ Tradução nossa. Texto original: In male homosexual pornography, the penis is seen in a range of activities, including oral and anal sex as well as masturbation; the penis presented by such pornography is often atypically large in size, suggesting a primary importance in male homosexual pleasure. Pornographic actors who have attained the most notoriety in the porn industry are often exceptionally well endowed. This suggests that male homosexuality in Western modernity does have a determined relationship to the penis and prizes the penis for its size and, subsequently, its powers of penetration.



normatividade racial evidente: predominam nas capas e ensaios os modelos brancos, frequentemente com bronzado artificial, embora com algumas exceções — como os ensaios com homens negros nas edições 113 e 115. No entanto, nesses casos, o corpo negro é fortemente erotizado a partir de estereótipos, como o do “grande malandro” (ed. 113, com o ensaio de capa do ex-BBB Iran Gomes) ou do barman “exótico” (ed. 115, com a seção “Desejo” sendo protagonizada pelo modelo Márcio Blade), reforçando um imaginário exotizado e hiperssexualizante em torno de corpos negros que se encaixam no esteriótipo racial de “negões”.

É possível afirmar que os sentidos atribuídos ao pênis na *G Magazine* não se restringem à esfera do prazer sexual: o pênis torna-se signo de masculinidade idealizada e normativa. Essa operação simbólica é visível tanto nas imagens — como na edição 113, onde o pênis do modelo, Iran Gomes, é fotografado em primeiro plano, destacando-se do corpo como um símbolo autônomo — quanto nos textos, como no caso do artigo sobre faloplastia na edição 109, onde se afirma categoricamente: “O pênis é absolutamente importante para nós e, portanto, sem isso o homem nunca é completo. Em resumo, um homem é o seu pênis.” (p. 63). Essa centralidade simbólica do órgão sexual masculino produz o que Guacira Lopes Louro chama de uma pedagogia da sexualidade: um conjunto de discursos que “ensinam” o que é ser homem e quais os atributos corporais que garantem *status*. Nas imagens analisadas, o pênis não é apenas exibido: ele é medido, comparado e exaltado, convertendo-se em ferramenta didática do desejo na homossexualidade masculina.

Os cenários dos ensaios contribuem para reforçar as narrativas de masculinidade e poder. Motéis, bares, trilhas, cavalos e motocicletas não apenas emolduram os corpos nus, mas situam esses homens em espaços tradicionalmente associados à liberdade, domínio ou aventura — como no ensaio “Perdido na ilha da sedução” (ed. 109), que simula um enredo de sobrevivência viril, ou no ensaio “Amor Bandido” (ed. 116), que insinua erotismo através de uma narrativa policial.

Em alguns casos, objetos específicos criam analogias diretas com o pênis. No ensaio da seção “Desejo” da edição 115, citado anteriormente, o título “Beba eu” e a disposição dos copos à frente do pênis do modelo Márcio Blade sugerem que aquele



pênis, tal qual uma bebida, deve ser consumido — evocando, ao mesmo tempo, prazer e fetichização. Nas seções de cartas, como a da edição 109, o discurso dos leitores reforça a dimensão afetiva e fetichista do pênis: “parece um chocolate branco”, afirma um leitor sobre o modelo da edição anterior (ed. 108, cujo ensaio de capa é do Dan Dan, também ex-BBB), evidenciando a interseção entre desejo, consumo e racialização do corpo.

Ainda é interessante pensarmos nos discursos presentes nos ensaios fotográficos, que orientam a libido do público leitor sobre o corpo consumido do modelo: trocadilhos entre o pênis, sexo, e os cenários dos ensaios e as profissões e atividades que os modelos atuam (reais ou fictícias) estão sempre presentes, às vezes até em tom humorístico. A facilidade de elaborar esses trocadilhos é evidenciada no verbete *Jokes da Cultural Encyclopedia of the Penis*:

Seja o pênis exaltado, condenado ou ridicularizado, o efeito é o de reiterar sua importância cultural. (...) Existem centenas de sinônimos para o pênis, e ainda mais para as atividades sexuais, fazendo do órgão uma fonte inesgotável de duplos sentidos e trocadilhos de fácil elaboração (KIMMEL, MILORD, KENNEDY, 2014, p. 160)⁵.

Há também uma clara didatização do olhar: as revistas orientam o leitor não só sobre o que é belo ou desejável, mas sobre como olhar, como desejar e como se tornar desejável. Tal operação se dá pela repetição dos mesmos padrões corporais, pela exclusão de corpos dissidentes (gordos, velhos, não-heteronormativos, menos malhados, com deficiências, por exemplo) e pela estilização da nudez como espetáculo visual que jamais escapa ao controle da produção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das edições 109 a 116 da *G Magazine* permitiu evidenciar como o pênis opera, no contexto da imprensa LGBTQIA+ brasileira, como um signo

⁵ Tradução nossa. Texto original: Whether the penis is praised, damned, or laughed at, the effect is to reiterate its cultural importance. (...) There are hundreds of synonyms for the penis, and even more for sexual activities, making penises a perennial resource for double entendre and easily made puns.



privilegiado da pedagogia das masculinidades, atravessado por discursos de poder, desejo, virilidade e normatividade. Além de objeto de erotização visual, o pênis assume uma centralidade simbólica que o torna um vetor de controle e distinção entre masculinidades hegemônicas e subalternas, reafirmando, por meio de sua forma, tamanho, rigidez e cor, padrões que delimitam o que é considerado desejável no universo gay masculino.

Assim, o pênis, ao ser reiteradamente exposto e celebrado nas páginas da revista, produz sentidos que vão além do prazer estético ou sexual: ele se converte em um dispositivo de subjetivação, disciplinando o olhar e moldando percepções sobre o corpo, o desejo e o gênero. Ao aplicar os conceitos de masculinidade hegemônica (Connell, 1995), pedagogia das sexualidades (Louro, 1999) e tecnologias de gênero (De Lauretis, 1994), foi possível compreender que a *G Magazine* atua simultaneamente como produto e produtora de um regime de visualidade que privilegia certos corpos masculinos — jovens, musculosos, brancos, bem-dotados — em detrimento de outros.

Apesar da relativa diversidade temática encontrada em algumas edições desse recorte, a representação do pênis permanece marcada por uma lógica de homogeneização e espetacularização, na qual a exceção confirma a regra. Mesmo nos raros momentos em que se tematizam práticas e estéticas dissidentes — como nos ensaios com conotações BDSM ou na presença de modelos negros — essas imagens tendem a ser capturadas por estereótipos raciais e de gênero, que reafirmam o pênis como centro de valor, potência e diferença.

REFERÊNCIAS

- CONNELL, R. W. Políticas da Masculinidade. *Educação & Realidade*, vol. 20, n. 2, 1995, p. 185-206.
- DE LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.
- KIMMEL, M. S.; MILROD, C.; KENNEDY, A. (ed.). *Cultural Encyclopedia of the Penis*. Maryland: Rowman & Littlefield, 2014.



LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O Corpo Educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOUTO MAIOR, P.; SILVA, F. R. (org.) *Páginas de transgressão: a imprensa gay no Brasil*. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2021.

ZANELLO, V. *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Curitiba: Appris, 2018.